

O TRIUNFO

D A

PROBIDADE

SOBRE A AMBIÇÃO,

O U

OS AMORES

DO CONDE DE BELFLOR,

COM LEONOR DE CESPEDES.

NOVELLA

DE M. LE SAGE

AUTHOR DE GIL BRAZ.

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ.

PELO TRADUCTOR DAS AVENTURAS

DO KAPAZ DE BOM HUMOR.



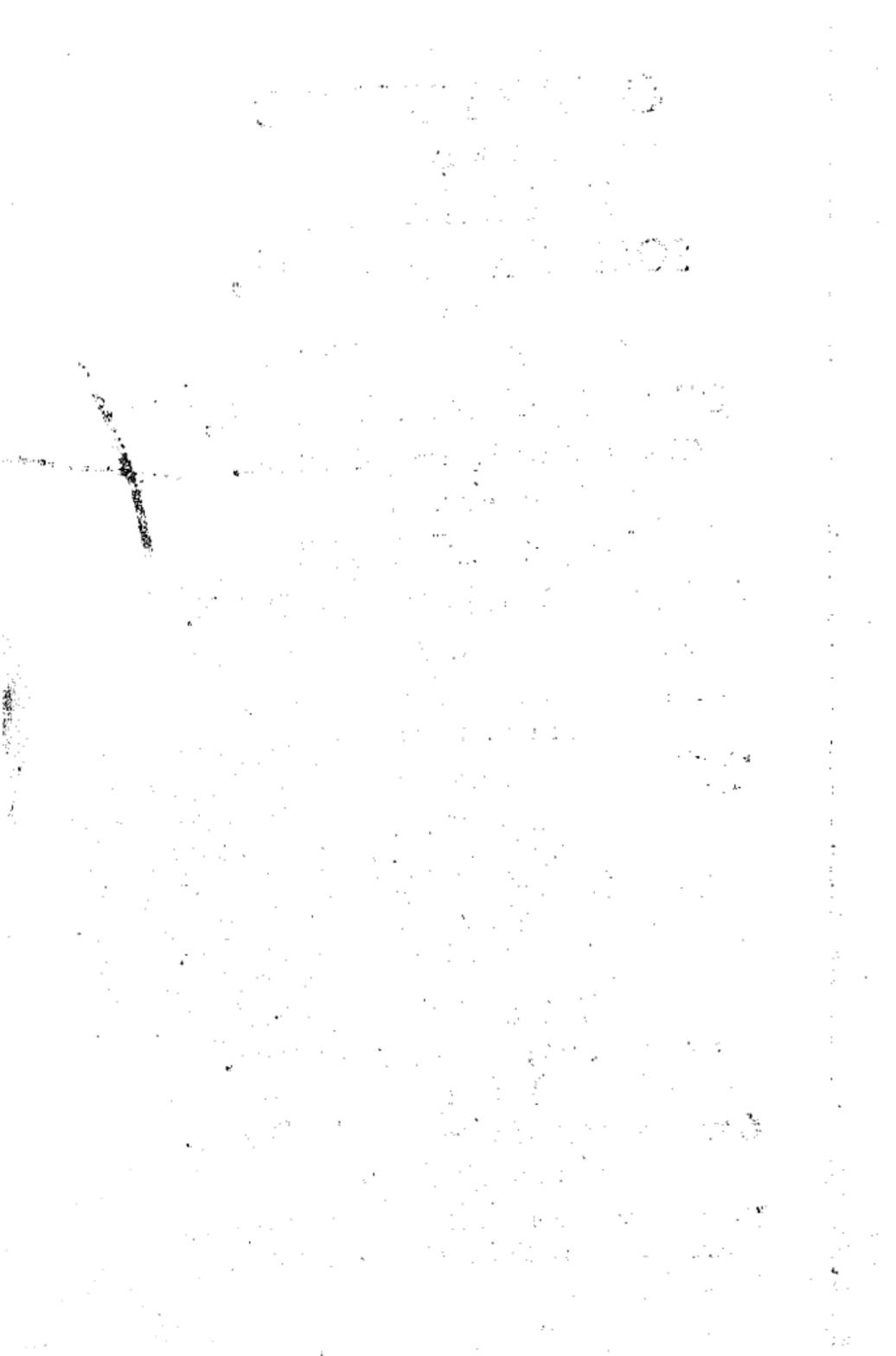
LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1 8 2 0.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se em Casa de F. B. O. de M. Mechas, no
Largo do Paço do Sodré, N. 3, A. 2.^o andar.





O TRIUNFO

DA

PROBIDADE,

NOVELLA.



O Conde de Belflor era das principaes familias da Corte de Hespanha; estava summamente namorado de Leonor de Cespedes. Naõ tinha tenção nenhuma de casar com ella, parecendo-lhe a filha de hum simples Cavalheiro hum insignificante casamento; finalmente propunha-se a fazer della sua amante.

Nestas vistas seguia-a por toda a parte sem perder occasiaõ de lhe dar a conhecer o seu amor: naõ podia fallar-lhe, porque incessantemente era vigia-

da por huma criada severa, e vigilante, chamada Brazia Marcel-la. Desesperava-se disto, e sentindo incendiarem-se ainda mais os seus desejos com as difficuldades, meditava de continuo de que modo poderia enganar a Argos, que guardava a sua Io.

De outro lado Leonor, que tinha percebido os obsequios que lhe fazia o Conde, já no seu coração lhos pagava com huma nascente inclinação, cuja inclinação se tornou pouco a pouco em huma forte, e decidida paixão.

Estavaõ as cousas nesta disposição, quando Leonor, e a sua eterna governante, indo huma manhã á Igreja, encontráraõ huma velha de grande rosario na mão, que a hypocrisia, e naõ a devoção tinha fabricado; chegou-

se a ellas, e fallando com a governante lhe disse: o Ceo vos abençõe! a paz do Senhor seja comvosco: vós naõ sois a senhora Marcella, a casta viuva do Senhor Martinho Roseta, que Deos tenha em gloria? A governante respondeo, que sim. Encontro-vos bem a proposito, lhe disse a velha, para vos avisar, que tenho em minha casa hum velho parente meu, que vos deseja fallar: chegou de Flandres ha dois dias, conheceo muito particularmente o vosso consorte, e tem cousa da ultima consequencia que vos communicar; elle de boa vontade iria a vossa casa, se naõ estivesse gravemente molesto; o pobre homem está ás portas da morte: a minha casa he daqui dois passos; tenha o trabalho de fazer-me a honra de se servir della.

A governante que era es-
perta, e prudente, temendo al-
gum engano, não sabia que re-
solvesse; porém a velha que não
era menos esperta adivinhou a
causa do seu embaraço, e lhe dis-
se: minha rica senhora Marcel-
la, póde-se fiar em mim com
toda a segurança; eu chamo-me
a Chichona: o Licenciado Mar-
cos de Figueirôa, e o Bacharel
Mira de Mesqua, ficam por mim
como se eu fosse sua avó. Se
vos digo que venhais a minha
casa, he para vosso bem; o meu
parente quer restituir-vos huma
certa somma, que vosso marido
lhe emprestou em outro tempo. A
esta palavra de restituir, deter-
minou-se Madama Marcella. Va-
mos, minha filha, diz ella a Leo-
nor, vamos vêr o parente desta
boa mulher.

Chegáraõ a casa de Chichona, que as fez entrar em huma casa baixa, onde acháraõ hum homem de barbas brancas, e que se naõ estava moribundo, pelo menos parecia-o. Aqui tendes, disse a velha ao doente, apresentando-lhe Marcella, a pessoa a quem taõ anciosamente desejais fallar, a viuva do Senhor Martinho Roseta, vosso amigo. A estas palavras o velho erguendo hum pouco a cabeça fez-lhe signal que se chegasse, e logo que a vio perto da cama com huma debil, e fragil voz, lhe disse: Senhora Marcella, eu dou graças ao Ceo de me ter deixado viver até este momento; era a unica cousa que eu desejava, receando morrer sem ter a satisfação de vos vêr, e de vos entregar em maõ propria, cem du-

cados, que o Senhor Martinho Roseta, meu intimo amigo, me emprestou para hum negocio de honra que tive em Bruges: e nunca vos fallou neste emprestimo? Nem huma palavra, lhe tornou Marcella; que a sua alma esteja na presença do Senhor! Era tão generoso, que se esquecia dos serviços que fazia aos seus amigos: bem longe de se assemelhar a estes fanfarrões que se gabaõ muitas vezes de fazerem o que não fazem, nunca me disse que tinha feito o mais pequeno favor a ninguem. He verdade que era huma boa alma, lhe replicou o velho; tenho mais razões para o saber, do que ninguem; para vo-lo provar he preciso que vos conte o negocio, em que elle tão generosamente me auxiliou; po-

rém como tenho cousas que vos dizer, que são da ultima importancia para a memoria do defuncto, e eu queria revelar á sua discreta viuva....

Está bem, diz entãõ a Chichona, fazei-lhe a narraçãõ em particular; no em tanto eu vou com esta menina para este gabinete. Ditas estas palavras deixou Marcella com o doente, e levou Leonor para outra casa, onde sem mais refolho, lhe disse: bella Leonor, os momentos são muito preciosos para se perderem. Vós conheceis de vista o Conde de Belflor; ha muito tempo que vos ama, e morre por vo-lo dizer; porém a vigilancia, e severidade da vossa governante, o tem privado até hoje dessa satisfação. Desesperado recorreõ á minha industria, que puz em

prática por seu respeito. O velho que visteis, he hum creado moço do Conde, e todo o que ouvisteis foi manha que ideámos para enganar a vossa governante, e fazer com que viesseis aqui.

Apenas acabava estas palavras, o Conde que estava escondido atraz de huma tapessaria, appareceo, e lançou - se aos pés de Leonor: perdoai, Senhora, este stratagem a hum homem, que não póde viver sem vós. Se a senhora Chichona não achasse modo de me procurar esta satisfação, entregar - me - hia a toda a minha desesperação. Estas palavras pronunciadas de hum ar tão tocante, e por hum homem que não desagradava, perturbáraõ Leonor. Ficou por algum tempo incerta na resposta

que dêsse ; em fim tornando a si , encarou altiva o Conde , e lhe disse : julgais dever huma grande obrigaçãõ a esta officiosa mulher ; sabei , que haveis de tirar pouco fructo do vil serviço que ella vos fez.

Deo alguns passos para entrar na sála onde estava a sua governante ; o Conde a deteve , dizendo - lhe , demorai - vos , adorada Leonor , ouvi - me ao menos : a minha paixãõ he taõ pura , que nada tem que vos possa fazer recear. Confesso que tendes razãõ de vos scandalizardes do artificio , de que me sirvo para vos fallar , porém este artificio naõ he depois de buscar todos os meios de vos fallar ? Ha seis mezes que vos sigo ás Igrejas , aos passeios , aos espectaculos : debalde tenho buscado em toda

a parte occasião de vos dizer que vos adoro. A vossa cruel, a vossa dura governante, sempre tem sabido enganar os meus desejos. Bella Leonor, em lugar de chamardes crime ao estratagemas, de que fui obrigado a servir-me, lastimai antes huma paixão condemnada ha tanto tempo ao silencio:

O Conde sazonou esta falla com todo o ar de persuasão que os homens sabem pôr em pratica: até chegou a chorar; Leonor commoveo-se; a seu pezar se produziaõ no seu coração movimentos de ternura, e de piedade; porém longe de ceder á sua fraqueza, quanto mais se sentia enternecer, mais pressa mostrava em se querer retirar. Conde, exclamou ella, todos os vossos discursos são inuteis; eu

naõ quero ouvir-vos; naõ me demoreis mais; deixai-me sahir de huma casa onde a minha virtude está temerosa, ou quando naõ eu vou com meus gritos chamar a vizinhança, e fazer pública a vossa audacia: disse isto em hum tom taõ serio, que a Chichona, que tinha estreitas medidas a guardar com a justiça, pedio ao Conde que naõ instasse mais. O Conde cessou de se oppôr á sahida de Leonor. Chegou ao pé de Marcel-la, e disse-lhe: deixai essa frivola conversação, que nos enganaõ. Saiamos desta perniciosa casa. Que dizeis, minha filha, lhe pergunta admirada? Que razão vos obriga a querer sahir com tanta precipitação? Eu volla direi, lhe torna Leonor; cada instante que me demoro aqui

he hum vivo tormento para mim. Ainda que Marcella fez grandes diligencias alli mesmo para saber a razãõ disto, não o soube. Sahiraõ ambas com precipitaçaõ, deixando a Chichona, o Conde, e o seu creado, envergonhados, quaes comicos que acabaõ de representar huma peça, que o público recebeu mal.

Logo que Leonor se vio na rua, entrou a contar á governante com muita agitaçaõ tudo o que lhe tinha succedido em casa de Chichona. Marcella a ouviu com muita attençaõ, e quando chegáraõ a casa, lhe disse, confesso - vos, minha filha, que estou bem mortificada do que me acabais de dizer. Como pude eu ser opiada por aquella velha? Ao principio fiz difficuldade de a seguir; porque não

continuará eu? Eu bem devia desconfiar daquelle seu ar doce, e politico. Fiz hum erro que não he desculpavel em huma pessoa da minha experiencia.

E não me dizerdes isso em quanto lá estavamos! Eu os teria ensinado, eu vomitaria injúrias contra o Conde; eu arrancaria a barba postiça ao fingido velho, que me contava fabulas. Eu vou desde já levar o dinheiro, que eu recebi como huma verdadeira restituição; e se os achar ainda juntos, não hei de perder o meu tempo. Acabando estas palavras, pegou no seu manto, e encaminhou-se a casa de Chichona.

O Conde ainda ahi estava, desesperado do máo successo do stratagemá. Outro em seu lugar abandonaria o projecto; po-

rém elle não desesperou. Entre mil qualidades boas tinha huma pouco louvavel ; era entregar-se demasiadamente á paixão do amor. Quando amava huma mulher era ardente em procurar alcançar os seus favores ; e ainda que naturalmente homem de bem, era então capaz de violar todos os direitos, os mais sagrados, para chegar ao cumprimento dos seus desejos. Reflectio que não podia chegar ao fim, a que se propunha, sem o auxilio de Marcella ; resolveo de tentar tudo para a fazer entrar nos seus interesses. Pareceo-lhe que esta governante, a pezar da sua severidade, não seria inexoravel a hum presente consideravel ; com effeito tinha razão de assim o julgar : quasi sempre, se ha criadas feis, he porque os amantes não

saõ muito ricos, ou saõ pouco liberaes.

Logo que chegou a governante Marcella, e que vio as tres pessoas que procurava, deo-lhe hum furor na lingua; disse hum milhaõ de injúrias, ao Conde, e a Chichona, e atirou com a restituçaõ á cabeça do fingido doente. O Conde soffreo com paciencia esta tempestade, e pondo-se de joelhos diante da governante para fazer a scena mais interessante, pedindo-lhe que acceitasse a bolça, que ella tinha atirado ao doente, e além disso mil pistolas, rogando-lhe que tivesse piedade delle. Marcella nunca tinha visto sollicitar com tanto poder a sua compaixãõ, por isso naõ foi inexoravel. Deixou-se de invectivas, e comparando em si mesmo a som-

ma proposta com a mediocre recompensa, que podia esperar de Dom Luiz de Céspedes, pai de Leonor, concluiu que tinha mais interesse em desencaminhar Leonor do seu dever, do que em mante-la nos limites. Depois de alguns cumprimentos pegou na bolça, accitou a offerta de mil pistoles, prometteo servir o Conde nos seus amores, e foi dalli trabalhar na execuçaõ da sua promessa.

Como ella conhecia Leonor, por huma rapariga virtuosa, cuidou em não dar a conhecer que suspeitasse com o Conde, receando, que ella avizasse D. Luiz, seu pai; e querendo perde-la astuciosamente, eis-aqui a maneira com que ella fallou a Leonor: satisfiz o meu espirito irritado. Achei os tres

velhacos, ainda estavaõ espan-
tados da nossa repentina sahida :
ameacei a Chichona com o re-
sentimento de vosso pai, e com
o rigor da justiça, e disse ao
Conde de Belflor quantas injú-
rias me lembráraõ : espero que
naõ fará novos attentados, e que
as suas galanterias cessem da-
qui em diante de occupar toda
a minha vigilancia. Eu dou gra-
ças ao Ceo, de vós terdes evi-
tado o laço, que vos armavaõ ;
choro de alegria, estimo bem
que naõ tenhaõ tirado utilidade
alguma do seu artificio. Eu naõ
digo que o Conde tenha o ca-
racter de hum seductor, nem que
vos quizesse enganar, naõ de-
vemos julgar sempre mal do nos-
so proximo ; póde ser que as suas
vistas sejaõ legitimas. Ainda que
he de huma grandeza, que pó-

de aspirar aos primeiros partidos da Corte, póde ser que a vossa belleza o tenha determinado a casar comvosco, e até me lembro que nas respostas que me dava, me deo a entender isso.

Que dizeis, minha rica Marcella, exclamou Leonor! Se tivesse essa tenção, já me teria pedido a meu pai, que não me negaria a hum homem da sua qualidade. O que dizeis he justo, lhe tornou a governante; eu não deixo de estar por esses sentimentos: o procedimento do Conde he suspeito, as suas intenções pódem não ser boas: estou quasi tornando outra vez a ir-lhe dizer novas injúrias.

Não, Marcella, lhe torna Leonor, he melhor esquecer-mo-nos do passado, e vingar-mo-nos com o desprezo. He verdade,

diz Marcella, esse he o melhor partido ; tendes mais razãõ do que eu ; porém por outro lado naõ julgemos tambem mal dos sentimentos do Conde. Quem sabe se obra assim por delicadeza? Antes de obter o consentimento de vosso pai, talvez queira fazer-vos longos serviços, merecer os vossos agrados, e assegurar-se do vosso coraçãõ, a fim de ter mais encantos a vossa uniaõ : sendo assim, seria por ventura hum crime ouvir o Conde? Dizei-me o vosso parecer; a minha ternura vos he conhecida. Tendes inclinaçaõ ao Conde? ou tendes repugnancia de casar com elle?

A esta maliciosa pergunta, a sincera Leonor abaixou os olhos envergonhada, e confessou que naõ tinha nenhuma repugnancia

para o Conde; porém como a sua modestia lhe embarçava o explicar-se com mais clareza, a governante lhe disse ainda outra vez, que lhe não encubrisse nada. Minha Marcella, pois que á força quereis que vos falle em confidencia, digo-vos que o Conde me pareceo digno de ser amado: achei-o taõ bem feito, tenho ouvido fallar delle com tanta vantagem sua, que não posso deixar de ser sensivel ao seu amor. A infatigavel attençaõ, continuou Leonor, que tendes em vos oppordes, muitas vezes me tem sido pezada, e confesso-vos que algumas vezes no fundo do meu coração o tenho lastimado, e resarcido com os meus suspiros os males que a vossa vigilancia lhe faz soffrer; até vos direi que neste momen-

to, longe de o aborrecer pela sua acção temeraria, o meu coração a meu pezar o excusa, e imputa o seu erro á vossa severidade.

Minha filha, disse a governante, pois que o amor do Conde vos agrada, quero conservarvos este amante. Eu sou sensível, replicou Leonor enternecida, ao serviço que me quereis fazer: quando o Conde não fosse da primeira ordem, porém apenas hum simples Cavalheiro, eu o preferiria a todos os outros homens; porém não nos lisongee-mos já, o Conde he da primeira grandeza, destinado sem dúvida para alguma rica herdeira da Corte; não esperemos que se contente com a filha de D. Luiz, que apenas tem huma mediocre fortuna que lhe offertat. Não,

naõ, continuou ella, os seus sentimentos naõ saõ taõ favoraveis: naõ me vê como huma mulher, de que queira fazer sua esposa; ver-me-ha como huma victima, que prepare a huma paixãõ criminosa.

E por que razaõ, disse a governante, dizeis vós que o Conde vos naõ ama com o sentido de casar comvosco? O amor está fazendo todos os dias os maiores milagres. Quem vos ouvir há-de-lhe parecer que o Ceo poz entre vós, e o Conde huma infinita distancia. Fazei mais justiça a vós mesma. Naõ se envilece se algum dia unir a sua sorte á vossa; sois de huma nobreza antiga, a vossa aliança naõ he de o envergonhar. Pois que lhe tendes inclinaçãõ, quero-lhe fallar, quero profun-

dar as suas vistas, e se ellas saõ taes quaes devem ser, eu o li-songearei com alguma esperan-ça. Não façais semelhante cou-sa, lhe replicou Leonor; eu não sou de parecer de o irdes pro-curar; se elle suspeitar que eu tenho parte nesse procedimento, deixará de me estimar. Oh! eu sou mais fina do que vos parece, replicou Marcella. No principio reprehende-lo-hei por vos que-rer seduzir. Não deixará de se querer justificar, eu o ouvirei, eu o persuadirei. Em fim, minha filha, deixai-me fazer o que quizer; eu cuidarei na vossa hon-ra, e na minha.

Marcella sahio á boca da noite. Achou Belflor nas vizi-nhanças da casa de D. Luiz, deo-lhe conta da conversação que tivera com Leonor, e não

se esqueceo de lhe gabar a astucia, com que descubrio que elle era amado. Nada podia ser mais agradavel ao Conde, do que esta descuberta : agradeceo a Marcella com termos os mais vivos, isto he, promettendo entregar-lhe no outro dia as mil pistoles; esperançado, e garante do successo da sua empreza, porque sabia que huma rapariga, que está prevenida, está meia seduzida. Separáraõ-se hum do outro muito satisfeitos, Marcella tornou para sua casa.

Leonor, que a esperava com impaciencia, lhe perguntou que novas tinha que lhe dar? A melhor nova que pode ser, lhe respondeo Marcella. Fallei com o Conde: eu bem vos dizia que as suas intenções naõ eraõ criminosas; naõ tem outro fim se-

naõ casar comvosco ; jurou-me isto pelo que havia de mais sagrado entre os homens. Eu naõ me rendi a isto, como podeis imaginar. Se estais nesta disposiçaõ, lhe disse eu, porque razãõ naõ fallais nisso a D. Luiz, seu pai.

Ah minha querida Marcella, me respondeo elle, sem que a minha pergunta o embaraçasse, acharieis bem feito, que eu, sem saber com que olhos me vê Leonor, e seguindo sómente os transportes de hum cego amor, fosse tyrannamente obte-la de seu pai? Naõ, a sua felicidade he-me mais cara, do que os meus desejos ; eu sou homem de bem, para me expôr a ser eu a causa da sua desgraça.

Em quanto elle fallava desta cõrte, continuou Marcella, eu

o observava attentamente, empregando a minha experiencia em ler nos seus olhos, se com effeito estava penetrado daquelle amor que dizia. Vi que com effeito o estava; e senti em mim huma alegria que me custou bem a occultar. Apezar disso, logo que estive persuadida da sua sinceridade, julguei que para vos assegurar hum amante desta importancia era conveniente deixarlhe antever os vossos sentimentos. Senhor, lhe disse eu, Leonor não vos tem aversão; sei que vos estima; e pelo que me parece a vossa união lhe será agradavel. Grande Deos, exclamou elle penetrado de huma viva alegria! que ouço! He possível que a encantadora Leonor esteja em huma tão feliz disposição a meu respeito? Quanto

vos devo, Marcella, por me teres tirado de huma cruel incerteza? Ainda mais me alegra esta noticia por me ser annunciada por vós, vós que sempre contraria á minha ternura, me fizestes soffrer tantos tormentos. Acabai a minha felicidade, minha querida Marcella; fazei-me fallar á minha adorada Leonor; que quero jurar a seus pés que serei seu até á morte.

A este discurso, proseguio Marcella, o Conde ajuntou outros ainda mais ternos; em fim, minha filha, pediu-me com tanta instancia, que lhe fizesse ter huma particular conversação convosco, o que eu não pude deixar de lhe prometter. E para que lhe fizestes essa promessa, exclamou Leonor com emoção? Huma rapariga de juizo, me ten-

des dito mil vezes, deve absolutamente evitar estas conversações, que sempre são prejudiciaes. Sei que vos disse isso, lhe tornou Marcella, e he huma boa maxima; porém nesta occasião vos he licito deixar de a seguir, pois que podeis olhar já o Conde como vosso marido. Ainda o não he, lhe tornou Leonor; e não o devo vêr, sem que eu saiba se meu pai consente no casamento.

Marcella nesta occasião se arrependeo de ter dado huma tão boa educação a Leonor, pois que tanto lhe custava a vencer o louvavel pudor que mostrava. Querendo com tudo conseguir o seu fim, fosse como fosse, lhe disse: minha querida Leonor, eu me applaudo de vos vêr tão reservada, fruto feliz do meu trabalho!

Aproveitaste - te de todas as minhas lições ; estou encantada da minha obra ; porém, minha filha, demasiadamente fazes apertadas as minhas maximas ; he huma moral austera em demazia ; acho a vossa virtude aspera de mais. Ainda que me gabo de severidade, não aprovo huma virtude feroz, que indifferentemente se arma contra a innocencia, e contra o crime. Huma mulher não deixa de ser virtuosa por ouvir hum amante, quando lhe conhece a pureza das suas intenções ; e não he mais criminosa por responder á sua paixão, do que por ser sensivel a ella. Descançai em mim, minha querida Leonor : eu tenho experiencia, e os vossos interesses me são cáros, por isso nunca vos deixarei dar hum passo, que vos possa ser nocivo.

E em que lugar quereis que falle ao Conde, lhe diz Leonor? No vosso quarto, lhe tornou Marcella, por ser o lugar mais seguro: ámanhã o introduzirei aqui, durante a noite. Que dizeis, Marcella? Que! eu hei de consentir que hum homem... Sim, consenti-lo-heis, não he huma cousa tão extraordinaria como vos parece. Isto succede todos os dias, e prouvéra aos Ceos, que todas as mulheres, que recebem semelhantes visitas, tivessem intenções tão puras como as vossas! Além disso que tendes a temer? Eu não hei de estar comvosco? Se meu pai nos viesse apanhar? Socegai sobre isso, lhe responde a pérfida governante: vosso pai está certo da vossa boa conducta; conhece a minha fidelidade, e tem hu-

ma inteira confiança em mim. Leonor, taõ instada da sua governante, como puxada em segredo pelo seu amor, naõ pôde resistir por mais tempo. Consentio no que lhe propunhaõ.

O Conde logo foi sciente disto; e alegrou-se tanto, que logo deo á sua agente quinhentas pistolas, e hum annel de igual valor. Marcella, vendo quaõ bem elle cumpria a sua palavra, naõ quiz ser menos exacta em cumprir a sua. Na noite seguinte, quando lhe pareceo que todos dormiaõ, atou a huma janella huma escada de corda, que o Conde lhe tinha dado, e fê-lo entrar no quarto de Leonor.

Leonor estava abandonada a reflexões, que vivamente a agitavaõ. A pezar da inclinaçaõ que tinha ao Conde de Belflor, e de

tudo o que a pérfida Marcella lhe tinha dito, arrendia-se da sua facilidade em consentir huma visita, que offendia o seu dever; a pureza das suas intenções não podia socegar o seu espirito agitado. Receber no seu quarto hum homem, que ainda não tinha o consentimento de seu pai, e de que ignorava também os verdadeiros sentimentos, lhe parecia huma acção não só criminosa, porém até digna do desprezo do seu amante. Esta ultima idéa era o seu maior tormento; estava occupada della quando o Conde entrou.

Deitou-se-lhe aos pés, agradecendo-lhe o favor que lhe fazia; mostrou-se penetrado de amor, e de reconhecimento, jurando-lhe que a sua tenção era casar com ella; com tudo, como

elle se não explicava a este respeito, quanto ella desejava, lhe disse: Conde, não duvido que as vossas vistas sejam legitimas; porém por mais que mo certifiqueis, sempre me serão suspeitas, até que sejam authorisadas pelo consentimento de meu pai. Senhora, respondeo Belflor, ha muito tempo que eu vos teria pedido a vosso pai, se não receasse obter-vos á custa da vossa felicidade. Não vos censuro, lhe diz Leonor, de ainda não terdes dado este passo, é approvo a vossa delicadeza; porém já essa causa não existe, e agora he preciso que falleis com toda a brevidade a D. Luiz, ou então resolver-vos a não me tornardes a vêr.

E porque razão vos não tornaria a vêr, bella Leonor? Quão

pouco sensível sois ás doçuras do amor ! Se soubesseis amar tanto como eu sei , seria para vós hum prazer acceitar occultamente os meus obsequios , escondendo-os por algum tempo a vosso pai. Que encantos tem este commercio mysterioso para dois amantes estreitamente ligados ! Poderia ter encantos para vós , lhe replica Leonor ; porém para mim só podia ter tormentos : esse amor refinado não he para huma mulher que tem virtudes. Não me gabeis mais as delicias de hum culpavel commercio ; se me estimasseis , não me farieis semelhante proposição ; e se as vossas intenções são como me quereis persuadir , deveis no fundo do vosso coração censurar-me de me não ter scandalizado. Mas ah ! continuou ella , choran-

do algumas lagrimas , á minha fraqueza sómente eu devo impu-
tar este erro ; eu mesmo fui a
causa da minha desgraça , por
fazer o que fiz.

Adorada Leonor , exclamou
o Conde , fazeis - me hum dia de
injúria ! A vossa virtude dema-
siadamente escrupulosa , descon-
fia bem fóra de tempo. Que !
porque eu fui assaz feliz para
vos fazer favoravel a meu amor,
receais que deixe hum dia de
vos estimar ? Que injustiça ! Não,
Senhora , conheço o valor das
vossas bondades : ellas não vos
tiraõ a minha estimaçãõ ; estou
prompto a fazer tudo o que exi-
girdes de mim. Amanhã fallarei
a D. Luiz , esforçar - me - hei em
que elle consinta na minha feli-
cidade ; porém vejo poucas ap-
parencias. Que dizeis , interrom-

pe Leonor penetrada da maior admiração? Porque não quererá meu pai, que eu case com hum homem da vossa qualidade? Essa mesma qualidade, lhe responde o Conde, he que me faz recetar do seu consentimento. Este discurso vos causa admiração; porém eu a vou fazer cessar, dizendo - vos as razões. Ha alguns dias, que ElRei me disse, que me queria casar; não me fallou na mulher que me destina; sómente me disse que era hum dos primeiros partidos da Corte, e que se interessava muito neste casamento. Como não sabia quaes eraõ os vossos sentimentos a meu respeito, porque até entã mos não deixastes perceber, não lhe mostrei repugnancia em me sujeitar á sua vontade: supposto isto, julgai se D. Luiz se que-

rerá pôr no risco de incorrer na colera do Rei, accitando - me por genro.

Não sem dúvida, lhe responde Leonor; eu conheço meu pai; ser - lhe - ha mais facil desprezar a vossa alliança, do que expôr - se a desagradar ao Soberano; e quando meu pai se não oppozesse á nossa uniaõ, nem por isso seriamos mais felizes; porque em fim, Conde, como me podereis dar huma mão, de que o Rei quer dispôr. Confesso - vos, diz o Conde, que isso me causa hum grande embaraço; espero com tudo, que tendo huma delicada conducta com o Soberano, pouparei de tal sóрте o seu favor, e a amizade que me tem, que acharei meios de evitar a desgraça que me ameaça. Vós mesma, bella Leonor, me

podeis ajudar nesta empreza, se me julgais digno de vos possuir. E de que maneira, diz Leonor, posso cooperar para destruir o casamento que o Rei vos propoz? Ah! Senhora, replicou o Conde com hum ar apaixonado, se quizesseis acceitar a minha fé, eu me conservaria sempre vosso, sem que o Soberano se podesse offender.

Permitti, encantadora Leonor, continúa lançando-se-lhe aos pés, permitti que case com vosco em presença de Marcella; he huma testemunha que affiançará a santidade da nossa uniaõ: assim me furtarei aos tristes laços com que me querem ligar, porque se depois o Rei me instar, que acceite a esposa que me destina, eu me deitarei aos seus pés, dizendo-lhe que vos ama-

va ha muito tempo, e que o matrimonio nos unio em segredo. Por maior gosto que tenha de me casar, he muito bom para me querer privar de huma mulher, que eu adoro; e muito justo para fazer a mais pequena afronta á vossa familia.

Que vos parece Senhora Marcella, continúa elle, dirigindo-se á pérfida criada? Que pensais deste projecto que o amor me inspira? Parece-me muito bem, lhe responde: he certo que o amor he bem engenhoso! E vós, bella Leonor, diz o Conde, que vos parece? O vosso espirito, sempre armado de desconfiança, negará talvez a sua approvaçãõ? Naõ, com tanto que o casamento seja feito em presença de meu pai, creio que consentirá, expostas as razões.

Deos nos livre de lhe fazermos esta confidencia, interrompe a abominavel governante; vós não conheceis o Senhor D. Luiz: he muito delicado em materias de honra, para consentir em amores mysteriosos. A proposição de hum casamento secreto será para elle huma offensa; além disso a sua prudencia não deixará de lhe fazer receaveis as consequencias de huma uniaõ, que illude os projectos do Soberano. Este passo indiscreto vai produzir terriveis suspeitas: os seus olhos vigiarão de continuo as nossas acções, e elle tirará todos os meios de vos verdes. Isso me faria morrer de dor, exclama o nosso cortezaõ! Porém, Senhora Marcella, proseguio affectando hum ar triste, tendes com effeito certeza, que D. Luiz

naõ quererá absolutamente hum casamento clandestino? Naõ o duvideis, responde a governante; porém quero, que o consinta, regular, e escrupuloso como elle he, naõ ha de querer omitir as ceremonias da Igreja, e praticadas que sejaõ, está o casamento divulgado.

Ah! minha querida Leonor, diz entaõ o Conde, apertando ternamente huma das mãos da sua amante entre as suas, será possivel que nos separemos? Para serdes minha esposa basta que o queirais; o consentimento de hum pai he verdade que vos pouparia algumas penas; porém huma vez que vos he impossivel obte-lo, entregai-vos a meus desejos innocentes; recebei o meu coração, e a minha fé, e quando for tempo de declarar a D.

Luiz o nosso casamento, nós lhe diremos as razões que tivemos para lho occultar. Está bem, Conde, diz Leonor, consinto que não falleis já a meu pai; porém sondai antes o espirito do Rei. Antes que em segredo receba a vossa mão, fallai ao Soberano; dizei-lhe se preciso for, que occultamente casastes comigo. Vejamos, se com esta falsa confidencia... Isso não, responde o Conde, sou inimigo da mentira, não me atreverei a sustentar hum fingimento. Não posso trahir-me a esse ponto; além disso o character do Rei he tal, que se chegasse a conhecer que o tinha enganado, não me perdoaria em toda a sua vida.

Eu não acabaria, se vos repetisse palavra por palavra tudo

o que disse o Conde para seduzir a virtuosa Leonor; dir-vos-hei sómente, que lhe fez todas as fallas apaixonadas que o amor inspira aos homens nesta occasião; porém, por mais que lhe jurasse que confirmaria publicamente, o mais depressa que pudesse, a fé que lhe dava em particular; por mais que tomasse o Ceo por testemunha dos seus juramentos, não pôde triunfar da virtude de Leonor: o dia que começava a apparecer, o obrigou bem a seu pezar a retirar-se.

No outro dia a governante julgando que dependia a sua honra, por melhor dizer o seu interesse, de não abandonar a empreza, disse a Leonor: eu já não sei o que vos hei de dizer: vejo-vos rebelde á paixão do Conde, como se o seu fim fos-

se seduzir-vos: acaso achais na sua pessoa alguma cousa que vos desagrade? Não Marcella, lhe responde Leonor, cada dia me parece mais amavel, e a sua conversação me mostra nella novos encantos. Se isso he assim, diz Marcella, então não vos entendo. Estais prevenida a seu respeito por huma violenta inclinação, e não quereis consentir em huma cousa, de que se vos mostra a necessidade.

Marcella, tendes mais prudencia, e sois mais experiente do que eu; porém pensas nas consequencias que póde ter hum casamento contractado sem o consentimento de meu pai? Sim, sim, responde Marcella, tenho feito sobre isso todas as reflexões necessarias; e sinto bem que vos opponhais com tanta teima ao

brilhante estabelecimento que a fortuna vos apresenta. Tomai sentido que a vossa obstinação não fatigue, e desesperes o vosso amante; temei que elle abra os olhos, e que veja o interesse da sua fortuna, que a sua paixão lhe occulta: pois que vos quer dar a sua fé, acceitai-a sem hesitar. A sua palavra o liga, nada he mais sagrado para o homem de bem, que a sua palavra: além disso estou certa, que vos olha como sua mulher; não sabeis que huma testemunha qual eu sou, he bastante para condemnar em justiça hum amante, que ousasse ser perjuro?

Com semelhantes discursos a pérfida abalou a virtuosa Leonor, que deixando-se amedrontar do perigo, que a ameaçava, se abandonou de boa fé alguns

dias depois ás más intenções do Conde. Marcella o introduzia todas as noites pela janella no quarto da sua amante, e o fazia sahir antes de amanhecer. Huma noite que advertio mais tarde que era tempo de se retirar, e que já a Aurora começava a afugentar a escuridade, poz-se na execução de sahir pela janella; porém tomou taõ mal as suas medidas que cahio da escada de corda a baixo. D. Luiz de Cespedes, que dormia em hum quarto por cima do de sua filha, e que se tinha levantado naquelle dia muito cedo, para trabalhar em negocios precisos, ouviu o motim da queda; abriu a janella para vêr o que era; e vio hum homem que se levantava do chaõ com muito custo, e Marcella á janella occupada em desatar a

escada de corda, de que o Conde se não tinha tão bem servido para descer, como para subir. D. Luiz esfrega os olhos para vêr mais claro hum espectáculo que lhe parecia illuzão; porém depois de o ter bem considerado, vio que não havia nada mais real; e que a claridade do dia, ainda que fraca, lhe descobria bem a sua infamia.

Perturbado desta fatal vista, e transportado de huma justa cólera, desce assim como estava, isto he mal vestido, ao quarto de Leonor: tendo em huma mão huma véla accessa, e na outra a sua espada. Procura sua filha, e a pérfida criada para as sacrificar ao seu resentimento: bate á porta do quarto de sua filha, ordena que lha abraõ; ellas conhecendo a sua voz, obe-

decem tremendo. Entra com hum ar furioso, mostrando a sua espada núa aos seus olhos consternados: Eu venho, diz elle, lavar no sangue de huma infame a affronta feita a seu pai, e pupir ao mesmo tempo a vil criada, traidora á minha confiança.

Lançaõ-se aos seus pés, e Marcella falla assim: Senhor, antes de recebermos os castigos que nos prepara, digne-se ouvir-me por hum instante. Está bem, desgraçada, replica D. Luiz, eu suspendo a minha vingança por hum instante: falla, dize-me todas as circumstancias da minha desgraça. Mas que digo? Todas as circumstancias! Eu só ignoro huma, e he o nome do temerario, que deshonra a minha familia. Senhor, replica Marcella, o Conde de Belflor he o Cavalhei-

ro de que se trata. O Conde de Belflor! exclama D. Luiz: onde vio elle minha filha? Porque meios a seduzio? Naõ se me occulte nada. Senhor, diz Marcel-la, eu lhe vou fazer huma sincera narraçaõ de todo o caso.

Entaõ narrou com huma arte infinita todos os discursos que o Conde lhe tinha feito; pintou-o com as melhores cores; era hum amante terno, delicado, e sincero. Como ella naõ podia deixar de fallar verdade, contando o fim do caso, foi obrigada a dize-lo; porém fallando muito sobre as razões, que haviaõ, para se fazer este casamento, sem elle o saber; dando-lhe taõ boa côr, que conseguiu socegar o furor de D. Luiz. Conhecendo isto, disse-lhe para o acabar de adoçar: Senhor, aqui está o que

queria saber ; puna-nos agora ; crave a sua espada no seio de Leonor ; porém que digo ? Leonor he innocente ; Leonor não fez mais que seguir os conselhos de huma pessoa , que seu pai encarregou de a conduzir ; sobre mim he que deve descarregar os seus golpes : fui eu que introduzi o Conde no seu quarto ; fui eu que formei os laços que os ligão : eu fechei os olhos á irregularidade de hum contracto sem o vosso consentimento. Eu só encarei a felicidade de Leonor , e a vantagem que a sua familia podia tirar de huma aliança semelhante. O excesso do meu zelo me fez ser traidora ao meu dever.

Em quanto assim fallava a artificiosa Marcella , Leonor não poupava as lagrimas , e mostrou

hum dor taõ excessiva que o bom D. Luiz naõ pôde resistir: enteneceo-se, a sua cólera mudou-se em compaixaõ; deixou cahir a espada, e despojando-se do ar de hum pai irritado: Ah! minha filha, exclamou elle com as lagrimas nos olhos, que paixaõ taõ funesta he a do amor? Ah! tu naõ sabes as razões que tens de te affligires: só a vergonha que te causa a presença de hum pai, que te surprende, excita o teu pranto; ainda naõ prevendo todos os motivos de dôr que o teu amante talvez te prepara. E vós, imprudente Marcella, que fizestes? Conheço que a alliança com hum homem tal como o Conde vos podia alucinar; isso he o que vos salva no meu espirito; porém, desgraçada, naõ devieis desconfiar

de hum amante deste caracter? Quanto mais credito, e favor elle tem, mais o deveis recear. Se elle falta á fé que prometteo a Leonor, que partido hei de tomar? Hei de implorar o soccorro das leis? Huma pessoa de qualidade saberá abrigar-se da sua severidade. Quero, que fiel aos seus juramentos, queira cumprir a palavra dada a minha filha; porém se o Rei, como elle disse, tem tenção de o casar com outra senhora, he de recear que o Principe o obrigue pela authoridade.

O Rei obriga-lo, diz Leonor, isso não o receemos; o Conde nos assegurou que o Rei não fará huma tão grande violencia aos seus sentimentos. Eu estou persuadida, diz Marcel-la, além de que, o Monarca estima muito o Conde para lhe fa-

zer essa tyrannia , he muito generoso para querer causar hum mortal desprazer ao valeroso D. Luiz de Cespedes, que tanto tem servido o Estado. Queira o Ceo, diz o velho suspirando, que sejaõ vãos meus receios! Eu vou a casa do Conde declarar-me com elle: os olhos de hum pai são penetrantes; eu conhecerei o fundo do seu coração: se o achar na disposiçaõ que desejo, perdõo o passado; porém, continuou elle em hum tom mais firme, se nos seus discursos conheço hum coração pérfido, ambas iraõ para hum retiro, chorar toda a vida a sua imprudencia. Pega na espada, e deixando-as tornar a sí do terror que lhes causára, sóbe ao seu quarto para se vestir.

D. Luiz sahio pela manhã

cedo, e foi a casa do Conde, que julgando não ter sido visto na sua infausta cahida da jannella, foi receber D. Luiz, e depois de lhe ter dado muitos abraços, lhe disse: quanto me alegre ver aqui o Senhor D. Luiz! Acaso me virá dar occasiões de o servir? Senhor, lhe respondeo D. Luiz, ordene que fiquemos sós.

O Conde ficou só com D. Luiz; assentáraõ-se, e este lhe fallou da maneira seguinte: Senhor, a minha felicidade, e o meu socego, dependem de huma declaração, que lhe quero pedir: Eu vi-o esta manhã sahir do quarto de minha filha; ella me confessou tudo, e me disse... Disse-lhe que eu a amo, interrompe o Conde para illudir hum discurso, que não queria ouvir; porém fracamente lhe

havia de exprimir o que eu sinto; eu a adoro; he huma Senhora digna de toda a estimaçãõ. Espirito, belleza, virtude, nada lhe falta: tambem me disseraõ que o Senhor D. Luiz tem hum filho que acaba os estudos em Alcalá; parece-se com sua irmã? Se se parece será hum Cavalheiro bello; desejo muito vê-lo, e offereço-lhe todo o meu credito.

Fico-lhe muito obrigado da sua offerta; porém vamos ao que.. He preciso mette-lo no serviço, interrompe ainda o Conde; eu me encarrego do seu despacho; e prometto-lhe que não ha de envelhecer na chusma dos Officiaes Subalternos; isso lhe posso eu segurar. Responda-me, Conde, diz D. Luiz levantando a voz, não me interrompa.

Quer, ou não, cumprir a sua promessa?... Sim, interrompe o Conde pela terceira vez, cumprirei a minha palavra protegendo seu filho: conta comigo, que sou sincero. Isso he muito, interrompe Cespedes levantando-se; depois de seduzir minha filha, ainda se atreve a insultar-me: eu sou nobre, a offensa que me fez não ficará impune. Ditas estas palavras, retira-se para sua casa, cheio de cólera, e resentimento, e meditando no seu espirito mil projectos de vingança.

Logo que chegou a casa, disse com agitação a Leonor, e a Marcella: não me era sem razão o Conde suspeito; he hum pérfido, de que me quero vingar. Ambas amanhã irão para hum Convento; preparem-se,

e dem graças ao Ceo, que eu limite assim o meu castigo. Retirou-se para o seu gabinete, para ahi maduramente reflectir no partido que havia de tomar, em huma conjunctura taõ delicada.

Qual foi o tormento de Leonor, quando ouviu a perfidia do Conde! Ficou por muito tempo immovel; huma palidez mortal cubrio seu rosto; os seus espiritos a abandonáraõ, cahio sem movimento nos braços de Marcella, que a julgou expirante. Marcella empregou todo o seu cuidado em a fazer tornar a si do desmaio; conseguiu-o em fim. Leonor tomou o uso dos sentidos, abre os olhos, e vendo a sua criada cuidadosa em a soccorrer: Quanto és barbara, lhe diz ella dando hum profundo suspiro! Para que me tiraste do

estado feliz em que estava, pois que não sentia o horror da minha situação? Porque me não deixasteis morrer. Vós que sabeis todas as penas que devem atormentar o socego da minha vida, para que mas quereis conservar?

Marcella quiz consolá-la; porém ainda mais a penalizou. Todos os vossos discursos são superfluos, lhe diz Leonor: não quero ouvir nada: não percais o tempo em combater a minha desesperação; deverieis antes irritá-la, já que me precipitastes no terrivel abysmo em que me acho. Fosteis vós que me respondestes da sinceridade do Conde; senão eu não me entregaria á inclinação que lhe tinha: insensivelmente eu triunfaria; ou ao menos o Conde não teria ti-

rado vantagem alguma ; porém não vos quero imputar a minha desgraça , eu he que sou a causa della. Eu não devia seguir os vossos conselhos , recebendo a fé de hum homem sem o participar a meu pai. Por muito gloriosa que fosse para mim a uniaõ com o Conde de Belflor , devia antes desprezá-la , do que recebe-la á custa da minha honra ; em fim eu devia desconfiar delle , de vós , e de mim mesma. Depois de ter sido assaz fraca para me render aos seus pérfidos juramentos ; e da afflicção que causo a meu triste pai , e da deshonra que faço á minha familia , eu mesma me detesto ; e longe de temer o retiro , de que me ameaçaõ , quero ir esconder a minha vergonha na solidaõ a mais horriavel.

Fallando desta sôrte não se contentava em chorar; rasgava os vestidos, arrancava os cabellos, desesperada da injustiça do seu amante. A governante para se conformar á dor de sua ama não poupou fingimentos: derramou lagrimas hypocritas, fez mil imprecações contra os homens em geral, e contra o Conde de Belflor em particular. He possivel, exclamou ella, que o Conde, que me pareceo cheio de honra, e probidade, seja taõ pèrfido que nos enganasse a ambas! Não posso deixar de me admirar, ou para melhor dizer, não posso capacitar-me disso.

Com effeito, diz Leonor, quando me lembra que o vi a meus pés, conheço que toda a mulher se fiaria no seu ar terno, nos seus juramentos, de que

atrevidamente tomava o Ceo por testemunha. Os seus olhos ainda mostravaõ mais amor do que exprimia a sua boca; em huma palavra, parecia que estava encantado de mim.

Naõ, elle naõ me enganava; eu naõ me posso persuadir disso. Talvez que meu pai lhe naõ fallasse como devia; talvez que o Conde scandalizado das suas palavras lhe fallasse como fidalgo, e naõ como amante. Eu lisongeo-me destas idéas; he preciso que eu saia desta incerteza: eu vou escrever ao Conde, e mandar-lhe dizer que o espero esta noite, quero que elle venha socegar o meu coração agitado, ou confirmar-me pela sua mesma boca a sua traição.

Marcella approvou este projecto, esperando mesmo que o

Conde a pezar da sua ambição, poderia ser sensível ás lagrimas que Leonor derramasse á sua vista, e se determinasse a casar com Leonor.

Neste tempo o Conde de Belflor desembaraçado do bom D. Luiz, pensava no seu quarto as consequencias que poderia ter a recepção que lhe fizera. Julgou que todos os Cespedes irritados da injúria, cuidariaõ em se vingar; porém tudo isto o inquietava pouco. O interesse do seu amor o occupava mais: pensava que Leonor seria encerrada em hum Convento, ou ao menos guardada com mais vigilancia; e que segundo todas as apparencias não a tornaria a vêr. Esta idéa o affligia, e buscava no seu espirito algum meio de prevenir esta desgraça, quando

o seu criado lhe entrega huma carta, que Marcella lhe havia dado para seu amo: era huma carta de Leonor concebida nestes termos:

« Amanhã deixo o mundo,
 » para me ir sepultar em hum
 » retiro. Ver-me deshonrada,
 » odiosa á minha familia, e a
 » mim mesmo, he o deploravel
 » estado a que estou reduzida
 » por vos ter ouvido. Espero-
 » vos esta noite. No meio da
 » minha desesperaçãõ, busco no-
 » vos tormentos: vinde confes-
 » sar-me que o vosso coração não
 » teve parte nos juramentos, que
 » fez a vossa boca; ou justi-
 » ficar-vos por huma condu-
 » cta, que só póde adoçar o ri-
 » gor do meu destino. Como na
 » execuçãõ deste projecto póde
 » haver algum perigo, vinde a-

» acompanhado de hum amigo.
 » Ainda que fazeis a infelicida-
 » de da minha vida, sinto que
 » o meu coração se interessa pe-
 » la vossa. »

Leonor.

O Conde lê esta carta duas, ou tres vezes, e representando na sua idéa Leonor na situação que pintava, enternece-se, compunge-se, entra em si mesmo: a razão, a probidade, e a honra, de que a sua paixão lhe tinha feito violar as leis, começa a tomar de novo o imperio do seu coração. Sente de repente dissipar-se a sua cegueira, e bem como hum homem escapado de hum violento accesso de febre, se envergonha das palavras, e acções extravagantes, que lhe escapáraõ; assim elle se

envergonhou dos vís artificios de que se servira para contentar seus desejos.

Que fizeste desgraçado? diz elle a si mesmo. Que demonio me tentou? Prometti a Leonor que havia de casar com ella, tomei o Ceo por testemunha; fingi que o Rei me queria casar com outra: mentira, perfidia, sacrilegio, tudo puz em pratica para corromper a innocencia! Que furor! Não era melhor empregar antes os meus esforços em destruir o meu amor, do que em satisfaze-lo por meios tão vís, e tão criminosos? Eis seduzida huma rapariga de condição, huma rapariga de qualidade; e eu a abandono á colera dos seus parentes, que tambem infamei; e faço-a infeliz, só por alcançar huma felicidade falsa, viciosa,

e infame? Que ingratitude! Não devo antes reparar o ultraje que lhe fiz! Sim, devo, e quero, casando com ella, cumprir a palavra que lhe dei. Quem se poderia oppôr a huma acção tão justa? Por ventura as suas bondades devem-me prevenir contra a sua virtude? Não, eu sei quanto me custou vencer a sua resistencia. Rendeo-se não aos meus transportes, mas sim á fé jurada... porém de outro lado se faço nella a minha escolha, faço hum grande prejuizo a mim mesmo, porque posso aspirar a huma nobre, e rica herdeira; e contentar-me-hei com a filha de hum simples Cavalheiro, que apenas tem hum mediocre patrimonio. Que dirão de mim os outros Fidalgos? dirão que eu fiz hum casamento ridiculo.

O Conde repartido desta sôrte entre o amor, e a ambição, não sabia que resolvesse; porém a pezar da incerteza em que estava se casaria com Leonor, ou não, determinou-se a ir fallar-lhe na noite seguinte, e disse ao seu criado que fosse dar aviso a Marcella.

D. Luiz passou todo o dia em pensar no restabelecimento da sua honra. A conjunctura lhe parecia cheia de embaraços, porque recorrer ás leis civis, era fazer pública a sua deshonra; não ousava ir deitar-se aos pés do Rei; porque como cuidava que era certo que o Rei queria casar o Conde, temia dar hum passo inutil. Restava-lhe sómente o partido das armas, e a esse se determinou.

No fogo do seu resentimen-

to lembrou - se de desafiar o Conde ; porém considerando que estava velho , e fraco pelas suas molestias , quiz entregar esta acção a seu filho , de que julgou os golpes mais seguros. Mandou hum criado a Alcalá com huma carta , na qual dizia a seu filho que viesse com toda a pressa a Madrid , vingar huma injúria feita á familia dos Cespedes. Este filho chama - se D. Pedro , tem dezoito annos , he bem apessoado , e de tanto valor , que passava na Universidade pelo mais valente. D. Pedro. não estava em Alcalá como seu pai imaginava ; o desejo de vêr huma Senhora que amava o tinha trazido a Madrid ; a ultima vez que ahí estivera , fez esta conquista no Prado : não sabia ainda o nome da tal senhora , porque esta tinha

exigido d'elle, que não faria a menor diligencia para o saber; D. Pedro tinha-se sugueitado, ainda que com custo a esta cruel necessidade. Era huma senhora de qualidade, que lhe tinha tomado amizade, e que julgando que devia desconfiar da constancia de hum estudante, julgava conveniente experimentá-la antes de se lhe dar a conhecer.

Esta senhora desconhecida occupava mais o seu espirito, que a Filosofia de Aristoteles; e a pouca distancia que ha de Madrid a Alcalá, era a causa de faltar muitas vezes á classe. Para esconder estas amorosas viagens a D. Luiz, seu pai, costumava ir alojar-se em huma estalagem na extremidade da Cidade, onde estava escondido debaixo de hum nome falso. Sahia

só a huma certa hora da manhã, em que hia a huma casa, onde a Senhora que o fazia estudar taõ pouco, tinha a bondade de se achar, acompanhada de huma criada; o resto do dia estava na estalajem; porém em compensação, logo que anoitecia passeava toda a Cidade.

Huma noite, em que hia por huma travessa, ouvio vozes, e instrumentos, que lhe parecêraõ dignos da sua attençaõ: parou para os ouvir. Era huma serenata: o Cavalheiro que a dava estava bebado, e era naturalmente brutal. Apenas vio o estudante, correo a elle com huma grosseira precipitação, e sem mais cumprimentos, lhe disse: amigo, continúe o seu caminho; os curiosos saõ aqui muito mal recebidos. Eu podia retirar-me,

disse D. Pedro picado destas palavras, se me pedisse com outras maneiras; porém agora quero ficar aqui para lhe ensinar a fallar. Vejamos, diz o dono do concerto puxando pela sua espada, qual de nós ha de ceder.

D. Pedro puxou tambem pela sua espada, e começaram a baterem-se. Ainda que o mestre da serenata se batia com valor, não pôde evitar hum golpe, que o fez cahir. Todos os actores da serenata, que já tinhaõ deixado os instrumentos, e puxado pelas espadas para correrem em seu soccorro, chegaram-se para o vingarem. Atacáraõ todos juntos D. Pedro, que mostrou todo o seu valor. Além de aparar com huma admiravel agilidade todos os botes que lhe davaõ, dava botes taõ furiosos, que occupavaõ todos os seus inimigos.

Com tudo; eraõ taõ tenazes, e em taõ grande número, que a pezar de ser déstro na esgrima naõ evitaria a sua perda, se o Conde de Belflor que passou a este tempo, naõ o fosse defender. O Conde tinha valor, e muita generosidade; naõ pôde vêr tantos homens armados contra hum só homem, sem se interessar em seu favor: puxou pela espada, vôa ao lado de D. Pedro, e junto com elle ataca de tal sôrte os actores do concerto, que fogem todos, huns feridos, e outros temendo sê-lo.

Depois da sua retirada D. Pedro quiz agradecer ao Conde o serviço que lhe fizera; porém o Conde o interrompeo, dizendo-lhe: deixemo-nos de agradecimentos, naõ estais ferido? Naõ, lhe torna D. Pedro. Fu-

jamos daqui, eu vejo que matasteis hum homem; he perigoso demorarmo-nos mais tempo, porque a justiça nos póde surprender. Fogem, entraõ em outra rua distante da do combate, paraõ ahi.

D. Pedro excitado pelos movimentos, pede ao Conde que lhe diga o seu nome. Belflor diz-lho sem difficuldade, e pergunta-lhe o seu; porém D. Pedro não querendo dar-se a conhecer, disse-lhe que se chamava D. Joaõ de Mattos, assegurando-lhe que eternamente se lembraria da obrigação, que lhe devia. Eu quero, lhe diz o Conde, offerecer-vos nesta mesma noite huma occasiaõ de ma pagardes. Hoje hei de ir a huma empreza, que não deixa de ser perigosa; eu hia procurar hum amigo, que me

acompanhasse, conheço o vosso valor, quereis acaso vir comigo? Essa dúvida ultraja-me, replica D. Pedro; eu não posso fazer melhor uso da vida que me conservasteis, do que empregando-a em vosso serviço: vamos, eu estou prompto a seguir-vos. O Conde conduz D. Pedro a casa de D. Luiz, e entraõ pela janella no quarto de Leonor.

D. Pedro não conheceo que era a casa de seu pai, porque este havia oito dias se tinha mudado para esta em que entravaõ. D. Pedro não podia suspeitar que estivesse em casa de seu pai; além disso não conheceo Marcella na pessoa que os introduzia, porque esta os recebeu sem luz em huma antecamara, onde Belflor lhe pedio que ficasse em quanto fallava com a sua dama.

D. Pedro consentio, e assentou-se com a espada na mão desembainhada, temendo alguma surpresa. Poz-se a pensar nos favores que o Conde hia alcançar; e ainda que a senhora desconhecida o não maltratava, com tudo não tinha para elle tanta bondade, quanta Leonor tinha para o Conde.

Em quanto elle fazia todas as reflexões que póde fazer hum amante apaixonado, ouviu abrir-se devagar huma porta, que não era a dos amantes, e apparecer luz pelo buraco da fechadura. Levantou-se logo que a porta se abriu, apresentando a sua espada a seu pai, que era elle mesmo que vinha ao quarto de Leonor, para vêr se ahí achava o Conde. O bom homem não se podia capacitar, que depois do que

se tinha passado, sua filha, e Marcella, o recebessem ainda; essa era a razão por que elle as não tinha feito dormir em outro quarto; não pensando, que depois de estarem para entrar ao outro dia em hum Convento, o quizessem vêr pela ultima vez.

Quem quer que tu sejas, diz D. Pedro a seu pai que não conhecia, se entrares, custar-te-ha a vida. A estas palavras, D. Luiz encara D. Pedro, que o considera com attenção; conhecem-se: ah! meu filho, exclama D. Luiz, com que impaciencia eu te esperava! Porque me não avisaste da tua chegada? Temeste perturbar o meu socego? Ah! eu não posso ter socego na triste situação em que estou! Oh meu pai, diz D. Pedro excedido de espanto, sois

vós que eu vejo? Enganaõ meus olhos huma falsa semelhança! De que nasce essa admiração, diz D. Luiz? Naõ estás em casa de teu pai? Naõ te mandei dizer que estou nesta casa ha oito dias? Justo Ceo! exclama D. Pedro, que ouço? entaõ estou no quarto de minha irmã!

Quando acabava estas palavras, o Conde que tinha sentido o motim, e que julgou que atacavaõ o seu companheiro, sahio com a espada na maõ, da camara de Leonor. Logo que D. Luiz o vio, se tornou furioso, e mostrando-o a seu filho, exclamou: eis-aqui o pérfido que me rouba o socego, e ultraja a vossa honra. Vinguemo-nos, e apressemo-nos em o punir. Dizendo isto puxou pela sua espada, que trazia escondida debaixo do rou-

paõ, e quiz atacar o Conde; porém D. Pedro o deteve. Demore-se meu pai, modere os transportes da sua cólera. Qual he a tua tenção, meu filho, tu detens meu braço? Julgas que lhe falta força para se vingar; está bem, vinga tu a offensa que nos fez, para isso mesmo te mandei chamar a Madrid; se perceres, eu tomarei o teu lugar. Ou o Conde ha de morrer aos nossos golpes, ou nos ha de tirar a ambos a vida, já que nos tirou a honra.

Meu pai, diz D. Pedro, eu não posso dar á vossa impaciencia o que exige de mim; bem longe de atacar a vida do Conde, eu vim aqui para a defender: a minha palavra está dada, a minha honra o exige. Saia-mos, Conde, disse D. Pedro.

Ah fraco, exclama D. Luiz, encarando seu filho com hum ar irritado, tu mesmo te oppões a huma vingança em que tens parte! Meu filho, meu proprio filho está de intelligencia com o pérfido subornador de minha filha? porém não esperes enganar o meu resentimento. Eu vou chamar todos os meus criados; elles me vingaráõ da tua traiçãõ, e da tua fraqueza.

Senhor, replicou D. Pedro, fazei mais justiça a vosso filho; não me trateis de fraco. O Conde salvou-me a vida esta noite; pedio-me sem me conhecer que o acompanhasse aqui: eu me offereci a expôr-me aos perigos a que se elle expuzesse, sem saber que o meu reconhecimento obrigava imprudentemente o meu braço contra a honra da minha

familia. A minha palavra obriga-me a defender aqui seus dias; defendendo-os cumpro-a; porém por isso não deixo de sentir da mesma sorte a injúria que nos fez; e amanhã me vereis procurar derramar o seu sangue com tanto cuidado, com quanto hoje o poupo.

O Conde que não tinha fallado até aqui, admirado desta maravilhosa aventura, fallou da maneira seguinte: Vós poderieis, diz elle a D. Pedro, vingar mal a vossa injúria pelo meio das armas; quero offerecer-vos hum meio mais seguro de restabelecer a vossa honra. Confesso-vos que até hoje não tive tenção nenhuma de casar com Leonor; porém esta manhã recebi hum carta sua que me enternecio, e as suas lagrimas agora acabaõ o que

a carta principiou. A felicidade de ser seu esposo faz agora o meu maior desejo. Se o Rei vos destina outra mulher, diz D. Luiz, como vos haveis de dispensar... O Rei não me destina nada, interrompe o Conde envergonhado. Perdoai essa mentira a hum homem em quem o amor perturbava a razão: foi hum crime que a violencia da minha paixão me fez commetter, e que eu expio confessando-vo-lo.

Senhor, diz D. Luiz, depois dessa confissão, propria de hum grande coração, eu não posso já duvidar da vossa sinceridade: vejo que quereis com effeito reparar a affronta que nos fizestes; a minha cólera já cede; consenti que eu esqueça o meu resentimento nos vossos braços. Dizendo estas palayras, chega-

se ao Conde, que o quer prevenir, e abraçaõ-se; depois voltando-se o Conde para D. Pedro, lhe diz: e vós, falso D. Joaõ, que já ganhastes a minha estimaçaõ por hum valor incomparavel, e por sentimentos generosos, vinde acceitar a promessa de huma amizade de irmaõ. Dizendo isto, abraçou D. Pedro, que recebeu os abraços de hum ar sujeito, e respeitoso, e lhe respondeo: Senhor, promettendo-me huma amizade taõ preciosa, adquiris a minha amizade; contai com hum homem, que vos será consagrado até o ultimo instante da sua vida.

Em quanto estes Cavalheiros pronunciavaõ semelhantes discursos, Leonor que estava á porta do seu quarto ouvia tudo o que se dizia. No principio ti-

nha querido ir-se metter no meio das espadas, sem saber porque; porém Marcella a tinha embarcado. Quando esta astuciosa criada vio que o caso se acabava amigavelmente, julgou que a presença de sua ama não era incommoda; apparecêraõ ambas com lenços na mão limpando as lagrimas, e deitáraõ-se aos pés de D. Luiz. Temiaõ com razaõ, que depois de as ter surpreendido na ultima noite, não estivesse scandalizado de terem recahido no mesmo erro: D. Luiz mandou levantar Leonor, e lhe disse: Minha filha, enxuga as tuas lagrimas; eu não te darei novas reprehensões, pois que o teu amante quer guardar a fé, que te jurou; eu me esqueço de todo o passado.

Sim, Senhor D. Luiz, diz

o Conde, eu casarei com Leonor; e para reparar melhor a offensa que vos fiz, e dar-vos huma satisfação mais inteira, e a vosso filho hum penhor da amizade, que lhe votei, offereço-lhe Eugenia, minha irmã para esposa. Ah! Senhor, exclama D. Luiz transportado, quanto eu sou sensível á honra que quereis fazer a meu filho! Que pai teve tantas felicidades! Conde, dais-me tanta alegria, que ficão resarcidas ás penas que me tendes causado.

O velho D. Luiz ficou contentíssimo com a offerta do Conde; porém não succedeo o mesmo a D. Pedro: como estava muito namorado da Senhora, e que ignorava quem era, ficou tão perturbado, e interdito, que não pode dizer huma palavra.

107

O Conde sem notar o seu embaraço sahio, dizendo que hia cuidar no que era preciso para estes dois casamentos.

Depois do Conde sahir, D. Luiz deixou Leonor no seu quarto, e foi para o seu com D. Pedro, que lhe disse com toda a franqueza de hum estudante: meu pai dispense-me de casar com a irmã do Conde. Basta que elle case com Leonor: está a nossa recuperada. Que! meu filho, pois não queres casar com Eugenia? Não meu pai, esta uniaõ seria para mim hum cruel supplicio, e eu vos digo a razão. Eu amo, ou para melhor dizer adoro, ha seis mezes, huma senhora capaz de encantar; ella estima-me, e ella só póde fazer a felicidade da minha vida.

Quanto he desgraçada a condição de hum pai, exclama D. Luiz! nunca acha seus filhos dispostos a fazerem o que elle deseja. E quem he essa Senhora, que vos fez huma tão forte impressão? Eu ainda não sei, diz D. Pedro: prometteo-me que me diria quem era quando estivesse convencida da minha constancia, e descripção; porém cuido que he de huma illustre casa.

E parece-te, diz D. Luiz, que eu terei a complacencia de approvar hum amor romanesco? E soffrerei que deixando hum bom estabelecimento, te conserves fiel a huma mulher, de quem nem se quer sabes o nome? Não esperes isso da minha bondade, suffoca os sentimentos que tens por huma mulher talvez indigna

de tos ter inspirado, e acceita a honra que o Conde te faz. Todos esses discursos são inuteis, diz D. Pedro, eu não posso esquecer-me da minha desconhecida; nada será capaz de me apartar della: quando me dessem huma Infante... Pára, isso he insolentemente exaggerar huma constancia, que desafia a minha cólera, e não te tornes a apresentar diante de mim, senão prompto a obedecer-me.

D. Pedro não replicou a estas palavras; retirou-se para hum quarto, onde passou o resto da noite em fazer reflexões tão tristes como agradaveis. Tinha pena de se pôr mal com a sua familia; porém consolava-se quando reflectia que a sua desconhecida lhe pagaria esse sacrificio, até esperava que depois

de huma prova tão clara da sua constancia, lhe descobriria a sua qualidade, que pelo menos esperava fosse igual á sua.

Nesta esperança sahio logo pela manhã, foi passear ao Prado, esperando que fossem horas de ir a Casa de D. Joanna: debaixo deste nome fallava todas as manhãs com a desconhecida. Esperou este momento com muita impaciencia, e logo que foraõ horas foi á tal casa.

Achou a desconhecida, que tinha ido mais cedo do costume, lavada em pranto, e agitada de huma grande penã. Que espectáculo para hum amante! D. Pedro chegou-se ao pé della perturbado, e compungido, e deitando-se-lhe aos pés lhe disse: que estado he este em que vos vejo? Que desgraça me an-

nunciaõ essas lágrimas, que dilacerãõ o meu coração. Vós não esperais, lhe respondeo ella, o golpe fatal que a sorte nos prepara; a fortuna cruel nos vai separar para sempre: não nos tornaremos a vêr.

Acompanhou estas palavras com tantos suspiros, que não sei se D. Pedro foi mais sensível ao que dizia, do que á afflicção de que se mostrava penetrada. Justo Ceo! exclamou elle com hum furioso transporte, e podeis soffrer que se destrúa huma uniaõ de que conheceis a innocencia? Porém, Senhora, talvez que seja huma vã, e falsa desconfiança. Será possível que vos roubem o amante o mais fiel que jámais houve? E sou com effeito o homem o mais desgraçado? A nossa desgraça he cer-

ta, diz a desconhecida; meu irmão, de quem dependo, casa-me hoje; agora acaba de mo dizer. E quem he esse feliz esposo, diz D. Pedro com precipitação? Nomeai-mo, Senhora, que eu vou desesperado... Não sei ainda o seu nome; meu irmão não mo quiz dizer: disse-me sómente que queria que eu o visse antes de casar com elle. Porém, Senhora, disse D. Pedro, e haveis de vos sujeitar sem repugnancia á vontade de hum irmão? Sereis levada ao altar sem vos queixardes de hum taõ cruel supplicio? Não fareis nada em meu favor? Ah! eu expuz-me á cólera de meu pai para vos conservar o meu coração; as suas ameaças não podéraõ abalar a minha fidelidade; e por barbaro que seja o rigor com que

me trate, não casarei jámais com a Senhora que querem, ainda que seja hum partido consideravel. E quem he essa Senhora? diz a Desconhecida. He a irmã do Conde de Belflor, lhe responde D. Pedro. Ah! D. Pedro, enganais-vos! não he assim o que dizeis: chama-se Eugenia a irmã do Conde que vos disserão? Sim, Senhora, disse D. Pedro, o Conde ma offereceo. — Que! será possivel que sejais o Cavalheiro, a quem me destina meu irmão! Que! exclama D. Pedro, a irmã do Conde he a minha querida desconhecida! Sim, D. Pedro; porém neste momento não posso crer que o sou, tanto me custa a persuadir da minha felicidade!

D. Pedro deita-se aos pés de Eugenia; pega-lhe nas mãos,

beija-lhas, com todos os transportes de hum amante, que passa subitamente do extremo da pena, ao excesso da alegria. Em quanto se abandonava aos movimentos do seu amor, Eugenia fazia-lhe mil caricias, que acompanhava de expressões ternas e lisongeiras. Quantas penas me pouparia meu irmão, dizia ella, se me tivesse dito quem era o consorte que me destinava! Que aversão eu já tinha concebido ao ainda não visto esposo! Ah! meu querido D. Pedro, quanto vos aborrecia! — Bella Eugenia, que encantos tem para mim esse odio!

Depois de terem mutuamente dado signaes de huma reciproca ternura, Eugenia quiz saber como D. Pedro tinha ganhado a amizade do Conde. Este

sem lhe occultar os amores de seu irmão com Leonor, lhe contou tudo o que se tinha passado na noite precedente.

Foi para Eugenia hum grande prazer quando soube que seu irmão casava com a irmã do seu amante. D. Pedro despedio-se em fim de Eugenia, depois de terem ajustado que na occasião de se verem affectariaõ não se conhecerem.

D. Pedro foi para casa de seu pai, que achando-o disposto a obedecer-lhe, ficou muito alegre, attribuindo a obediencia de seu filho ao tom severo com que lhe tinha fallado na noite antecedente. Esperavaõ o Conde de Belflor, quando recebêraõ huma carta sua, em que lhe mandava dizer, que acabava de obter a licença do Rei para o seu

casamento, e de sua irmã, e juntamente hum cargo consideravel para D. Pedro; e que no outro dia se podiaõ fazer os casamentos, porque as ordens que tinha dado para isso se executavaõ com tanta diligencia, que a maior parte dos preparativos estavaõ já feitos. Veio de tarde confirmar o que tinha escripto, e trouxe consigo Eugenia.

D. Luiz fez muitos obsequios a Eugenia, e Leonor naõ se fartava de a abraçar. D. Pedro, ainda que agitado de alguns movimentos de amor, e de alegria, constrangeo-os para naõ dar o menor signal da sua intelligencia.

O Conde observava sua irmã para penetrar a impressaõ que lhe fazia D. Pedro; e a pezar do constrangimento em que es-

tava, conheceo que lhe não desagradava o futuro esposo: para ainda mais se certificar, chamou-a em particular para lhe confessar se gostava de D. Pedro; Eugenia confessou-lhe que sim. Disse-lhe depois o seu nome, e o seu nascimento, o que não tinha querido dizer antes, receando que a desigualdade das condições a prevenisse contra elle. Eugenia ouviu tudo com huma grande attenção, fingindo serem cousas que ignorava.

Assentáraõ em fim que as nupcias se fariaõ em casa de D. Luiz; fizeraõ-se com effeito no outro dia, de que resultou a todos huma grande alegria, menos a Marcella; porque depois do casamento o Conde contou tudo a D. Luiz, que a recolheu no Convento chamado *das Conversas*,

onde as mil pistoles que acceitou para seduzir Leonor, lhe serviraõ para fazer penitencia o resto dos seus dias.

F I M.



CATALOGO de alguns Livros que ha para vender brochados em Casa do Editor F. B. O. de M. Mechas, Mercador de Livros no Largo do Caes do Sodré, N. 3. A.

- As Consolações de M. C. A. Demoustier, traduzidas do Francez por Ignacio Gomes Cravo, em 8. 1820. br. 240
- Tratado da Agricultura das Batatas, por A. M. B. Segunda Edição, em 8. 1820. br. 80
- Principios Geraes, ou Verdadeiro Methodo para se aprender a lêr, e pronunciar com propriedade a lingua Franceza. Segunda Edição, em 8. 1820. br. 80
- Methodo para a salga da Sardinha, extrahido dos melhores Originaes Extrangeiros, e em particular do da Galliza. Segunda Edição, em 8. 1820. br. 60
- A Heroína Americana. Segunda Edição, em 8. 1820. br. 60
- A Prova de huma Amizade, conto moral de Mr. de Marmontel, traduzido do Francez por F. V. de A. e P. em 8. 1819. br. 240
- Ermancia, ou os Effeitos do Ciúme, novella por Mr. d'Arnaud, traduzida em vulgar por F. F. J. T. Segunda Edição. em 8. 1819. br. 240
- Vida, e Aventuras de Sancho Cravenna, ou o Homem dos sete officios, em 8. 1819. br. 400

- Conselhos, e Avisos de huma mãe a seus filhos**, escritos por D. Maria da Trindade de Portugal Malheiro e Mello Baiana. Segunda Edição, em 8. 1819. br. 160
- Compendio Historico dos Magistrados Romanos**, em que, para melhor intelligencia dos Authores Classicos se dá noticia da sua creação, poder, insignias, e regalia. Segunda Edição, em 8. 1819. br. 240
- O Honrado Negociante**, Novella de Mar montel, em 8. 1819. br. 30
- A Afflicção Confortada: Dirigida á Virtue da Paciencia**, por Joáo Baptista de Castro. Quarta Edição, em 8. 1818. br. 240
- Do que contém este Livro. §. I. O Estudante. §. II. O Soldado. §. III. A Freira. §. IV. O Casado. §. V. A Casada §. VI. O Amante. §. VII. O Jogador. §. VIII. O Negociante. §. IX. O Prezo. §. X. O Pai do filho indocil, e perverso. §. XI. O Calumniado. §. XII. O Destituído de amigos por pobre. §. XIII. O Ignorante. §. XIV. O Defectuoso do corpo. §. XV. O Velho. §. XVI. O Enfermo. §. XVII. O Temeroso da morte.
- Arte de Conhecer os Homens**, escrita em Francez pelo Abbade de Bellegarde, e traduzida em Portuguez. Nova Edição, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- Zaira, ou Hum Caso Extraordinario**, em 8. 1818. br. 109

- A Viçtima do Amor, ou Joanna Gray. Anecdota Ingleza. Traduzida do Francez por Francisco de Paula e Oliveira, em 8. 1819. br. 200
- Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios Authores Selectos, que tratao de Fysica, Pintura, Architectura, Optica, Quimica, Douradura, e Acharoadado, com outras curiosidades proveitosas, e diversas. Seu Author D. Bernardo de Monton. Vertido do Castelhana em Portuguez, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- Celestina, Novella Hespanhola, escrita na Lingua Franceza por Mr. Florian, e Traduzida na Portugueza, em 8. 1819. br. 120
- Filha Estremosa, ou a Virtuosa Camponeza. 1 folh. em 8. com hum a estampa br. 200
- Amor, e Probidade. Novella extrahida de hum Romance em Cartas, com o mesmo titulo em Alemao. Dada á luz por A. M. da C. S., em 8. 1818. br. 320
- As Desgraças de Iddalina, pelo Ciume indiscreto do Conde Tokenburg. Historia Alemã, em 8. 1818. br. 240
- O Novo Gulliver, ou viagem de Joao Gulliver, Filho do Capitaõ Gulliver. Traduzida de hum Manuscrito Inglez pelo Abbade des Fontaines, e trasladada do Francez. Dividida em 4 Vol., e ornada com quatro Estampas finas, em 8. 1819. br. 1200

- Apologia das Mulheres, obra moral, em que se mostra com exemplos extrahidos da Historia tanto antiga como moderna, que ellas são susceptivas de virtudes Religiosas, Politicas, Guerreiras, Literarias, e Sociaes no gráo mais eminentemente, e que conformando-se ao espirito predominante dos Seculos, conseguirão, não poucas vezes, a gloria de dominarem nelles: por M. Thomas. Traduzida do Francez, em 8. 1818. br. 320
- Thelaira, Novella moral, com huma estampa, em 8. br. 160
- Prazeres da Imaginação, ou Quadro Recreativo, e Scientifico: Tudo extrahido de diversos Authores tanto antigos como modernos. Obra que contém: = Anecdotas = Factos singulares, e Caracteristicos = *Historietas* = Lembranças felizes = Repentes Engenhosos = Moralidades = Usos, e Costumes de Povos = Sentenças = Antiguidades = Modelos de Eloquencia = Curiosidades Scientificas = Contos para rir = Proezas Militares = Origem de muitos Inventos, &c. &c. &c. 4 Vol. em 8. 1818. br. 1200
- Leucadia, ou a Innocente Victima do crime, em 8. 1818. br. 100
- Elizabeta, ou Amor vencido. Por Behnro Pastor do Douro. 1. Folheto, em 8. 1817. br. 120
- Isaura, ou o Premio do Amor, e da Virtude, em 8. 1818. br. 100

- Quadras Gloradas, por F. A. de Nobrega,
 natural da Ilha da Madeira, em 8. 1818.
 br. 120
- As Tristes Narrações de hum Solitario, ou
 o tragico fim da desgraçada Sofia. Histo-
 ria moral, em que se mostra quanto pô-
 de a força da primeira inclinação, e pai-
 xaõ de dous Amantes, ligados pela virtu-
 de, e desunidos pela violencia. Nova Edi-
 ção, em 8. 1818. br. 200
- Os Azares da Fortuna, ou a Historia de Ro-
 berto, o Provençal, escrita por elle mes-
 mo, em 8. 1818. br. 240
- Dois Amigos, ou os Perigos da riqueza, 1
 folh. com huma estampa, Libb. 1819, em
 8. br. 200
- Julia, Historia Verdadeira, em 8. 1818
 br. 100
- Fatima, e Zendar, ou o Fatal Destino, em
 8. 1818. br. 80
- Azakia, ou a Fidelidade Conjugal, em 8.
 1818. br. 80
- Sapho no Salto de Leucate, em 8. 1818.
 br. 120
- Julieta, e Claudina, ou as duas Amigas ri-
 vaes, em 8. 1818. br. 100
- Historia de Janny Lille, em 8. 1818. br. 100
- Sepultura de Lesbia: Poema em XII. Pran-
 tos, por Thomaz Antonio dos Santos e
 Silva. Segunda Edição, em 8. 1818. br. 240
- Historia de Anfrizo, e Retilia, Idilio, por
 Antonio Innocencio Barbuda, em 8.
 1819. br. 60

- Elvira, Historia Instructiva, e Moral. 1. Folheto, em 8 1817. br. 80
- Resumo dos Proverbios de Salomaõ, em Portuguez, e Francez, em 8 br. 120
- Astarot e Survival. ou: Tudo procede de falta de Intelligencia, em 8. 1819. br. 60
- Secretario Filosofo. Historia moral. 1 folh. em 8. com huma estampa, Lisb. 1819. br. 240
- O Amigo das Mulheres. Traduzido do Francez. Nova Edicaõ, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480
- Obra que comprehende 12 Capitulo sobre os Objectos seguintes: I. Do estado das Mulheres na Sociedade. II. Dos Estudos que convém ás Mulheres. III. Das Occupações das Mulheres IV Dos Prazeres. V. Do Luxo das Mulheres. VI. Do Accio das Mulheres. VII. Do Carácter, e Genio das Mulheres VIII. Do Amor, e da Galantaria IX. Do Casamento. X. Educaçã dos Filhos XI. Virtudes das Mulheres XII. Conclusão.
- Saudades de D. Ignez de Castro, Poema em dous Cantos: por Manoel de Azevedo, em 8. 1817. br. 120
- Duas Novellas escolhidas, e intituladas: I. Os Enganos mais ditosos: II. A Custosa experiencia. Obra moral divertida, e interessante, em hum só Vol. com hum elegante frontispicio estampado, em 8. 1819. br. 400

- Methodo Grammatical resumido da Língua
Portugueza, composto por João Joaquim
Caimito, Professor de Grammatica; No-
va Edição em 8 1818 br. 240
- Pedro, Novella Alemã, escrita na língua
Franceza, por Mr. Florian, e tradu-
zida na Portugueza, por *** em 8.
1819 br. 80
- Heroína, ou Clemencia de Entragues 1.
folh. em 8. com huma estampa br. 200
- Leituras uteis e divertidas. Traduzidas em
vulgar, e publicadas por Antonio Ma-
noel Polycarpo da Silva, 12 folh. com
11 estampas, em 8 br. 2400
- A Ilha desconhecida, e os Ilheos Felizes.
Por A. P. B., em 8 1819. br. 80
- A Felicidade, Conto Filosofico, em 8.
1819. br. 60
- O Amor Offendido, e vingado. Conto
Moral, em 8. 1819 br. 60
- Lidoro, e Palmira, ou os Amantes per-
seguidos. Novella Portugueza, offereci-
da ás Senhoras Portuguezas por D. Ma-
ria Clara Junior, em 12. br. 200
- O Perigo de Contrafazer as Vocações: A-
necdota traduzida do Francez, em 8.
1819. br. 60
- Viola de Lereno: Collecção das suas Can-
tigas, offerecidas aos seus Amigos, 3
Folhetos, em 8. 1819. br. 480
- Pasto do entendimento nas horas vagas jo-
vial, e serio. Obra Periodica, 1. Folheto
em 8. 1817. br. 80

Legado de hum Paí a suas filhas , traduzido em Portuguez , offerecido ao bello Sexo por hum amante da verdade : Obra que contém , além de huma introduccão interessante , os seguintes quatro Capitulos : I. Da Religião : II. Dos Costumes : III. Dos Entretenimentos : e IV. Da Amizade , do Amor , e do Casamento , em 8. br. 160

Verdades sobre a vinda do Anti-Christo : relação , em a qual se dá noticia em breves , e compendiosos Capitulos , de donde ha de nascer , e vir o Anti-Christo , que Pais ha de ter , que vida fará , que victorias ha de haver , que fim terá , e ultimamente que signaes lhe haõ de preceder , e devem acompanhar. Pelo Doutor Bruno de Mendonça Furtado. 1. Folheto , em 8. 1817. br. 120

○ Sacrificio Frustrado, ou a Felicidade no ultimo lance. Historia traduzida do Inglez na Lingua Portugueza. Segunda Edicão, em 8. 2 Vol. 1818. br. 480

Poucas são as Historias (ou Novellas), em que o Leitor mais deseje concluir a narração dos actos, ou célebres acontecimentos (mas possíveis) do que na sobredita Historia do Sacrificio Frustrado. Até julgamos ser impossível, que melhor se possa traçar, e imprimir na imaginação do Leitor, os accidentes a que todo o Homem está sujeito! Em fim, o quanto pôde a força do destino,

As Mulheres Célebres da Revolução Franceza, ou o Quadro Energico das Almas Sensiveis, em 8. 2 Vol. 1818. br. 360

Os Capitulos desta Obra são distribuidos sobre os Objectos seguintes :
Cap. I. Da Ternura Maternal = II. Do Amor Conjugal. = III. Do Amor Filial. = IV. Do Amor Fraternal. Tomo 2. Cap. V. Sacrificio do Amor: = VI. Hospitalidade. = VII. Da Força d'alma na desgraça. = VIII. Sacrificios sublimes. = IX. Gratidão = X. Do Desinteresse. = XI. Animo inspirado pelo horror do crime.

Aforismos moraes, e instructivos, Sentenças, Pensamentos, Bons ditos, &c. Obra util a todo o genero de pessoas, aonde se achão documentos necessarios para a boa Instrucção da vida civil, e recreio honesto para toda a qualidade de pessoas. Compilados de diferentes, e excellentes Authores Nova Edição, em 8. 1818. br. 300

Passatempo Honesto, e Familiar, ou Collecção de quarenta e oito jogos geralmente conhecidos pela denominação de Jogos de Prendas; entretenimento para passar divertidas as grandes noites de Inverno, com diferentes Sentenças adequadas para augmentar o Divertimento. Traduzido em Portuguez. Segnada Edição correctã, e accrescentada com hum Indice geral dos Jogos, em 8. 1818. br. 320

Catecismo de Agricultura, extrahido dos

- Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras, publicado por huma Sociedade de Portuguezes residentes em Paris, em 8. 1819. br. 240
- Menandro, e Laurentina, ou os Amantes extremos. Novella Portugueza por Eliano Aónio, em 8. 1819. br. 160
- Novella, ou Conto intitulado: A Cadellinha. Pelo Author do Piolho Viajante, em 8. 1819. br. 160
- O Fructo da Ambição, 2 folhetos, com duas Estampas, em 8. 1819. br. 480
- O Primeiro Navegante. Poema de Mr. Gesner, traduzido em Portuguez, por D. M. A. F. L. S. L. M. em 8. 1819. br. 200
- O Juizo Ultimo: Poema em tres Cantos, pelo Immortal Young, em 8. 1818. br. 160
- Carite, e Polydoro. Romance, dividido em quatro Livros, por Joáo Jaques Barthelemy, em 8. 1818. br. 240
- Arte Poetica de Boileau. Traduzida do Francez pelo Excellentissimo Conde da Ericeira. Acompanhada a sobredita Traducção com a Carta que Boileau escreveu ao Excellentissimo Conde, agradecendo-lhe a bella Traducção que lhe remettera da sua Arte Poetica, em 8. 1818. br. 240
- Evandro, e Alcina, Pastoral de Mr. Gesner. traduzida do Alemão, em 8. 1817. br. 160
- Laura, e Inesilla, ou as Orfãs Hespanholas. Historia de Mr. Desfontaines, traduzida em Portuguez. Nova Ediçáo, em 8. 1818. br. 249

- Historia de Emilia, escrita por ella mesma,**
 em 8. 1818. br. 100
- Feliz Adopção, ou Olympia. 1 folh. em 8.**
 com hum a estampa. 1819. br. 200
- Contos Filosoficos para Instrucção, e Recreio da Mocidade Portugueza, por Francisco Luiz Leal, Professor Regio de Filosofia. em 8. 2 Vol. 1818. br. 300**
 Primeira contém I, II, e III. Contos do Sultão Massoud: a Segunda = Omar. = O Casamento Obrigado = O Serio Arrependimento.
- O Perigo das Paixões, Conto Allegorico, e Moral, para servir de Lição á Mocidade, com hum a Analyse sobre as Paixões Humanas. Nova Edição, em 8. 1818. br. 240**
- Fabulas Literarias de D. Thomas Yriarte, traduzidas do Castelhana em Portuguez, Nova Edição, em 8. 1818. br. 200**
- Ensaio sobre o Homem, Poema Filosofico de Alexandre Pope. Traduzido do Original Inglez na Lingua Portugueza por A. Teixeira. em 8. 1817. br. 240**
- Henrique, e Emma, Poema de Prior, imitação da Bella Brune de Chaucer. Traduzido em Portuguez, em 8. 1818. br. 200**
- A Doente Fingida, e o Medico honrado; Comedia de Goldoni, traduzida da Lingua Italiana na Portugueza, Segunda Edição. 1. Folheto, em 8. 1817. br. 120**
- Compendio de Arithmetica, para uso das Primeiras Escolas, composto por ***. Nova Edição, em 8. 1818. br. 240**



O Arrependimento, ou Confissão Pública de
Voltaire. Traduzido do Francez, em 8.
1817. br. 200

Breve Tratado do Jogo do Whist, que con-
têm as leis do Jogo, e algumas regras,
pelas quae se póde conseguir o joga-lo
bem, addicionado com duas computa-
ções: huma sobre as apostas em qualquer
ponto do Jogo; e outra para dar a conhe-
cer ao parceito huma, e mais cartas. Tra-
duzido da Língua Ingleza sobre a oitava
edição de Londres, na Portugueza. Se-
gunda Edição, em 8. 1818. br. 240

O Jogo do Voltarete posto em melhor or-
dem, com hum Grande Voltarete, duas
favoritas, as vazas pagas, tambem novas
pagas. Sendo o Ttulo o seguinte: O
Grande Voltarete. 1. Folheto, em 12.
1817. br. 60

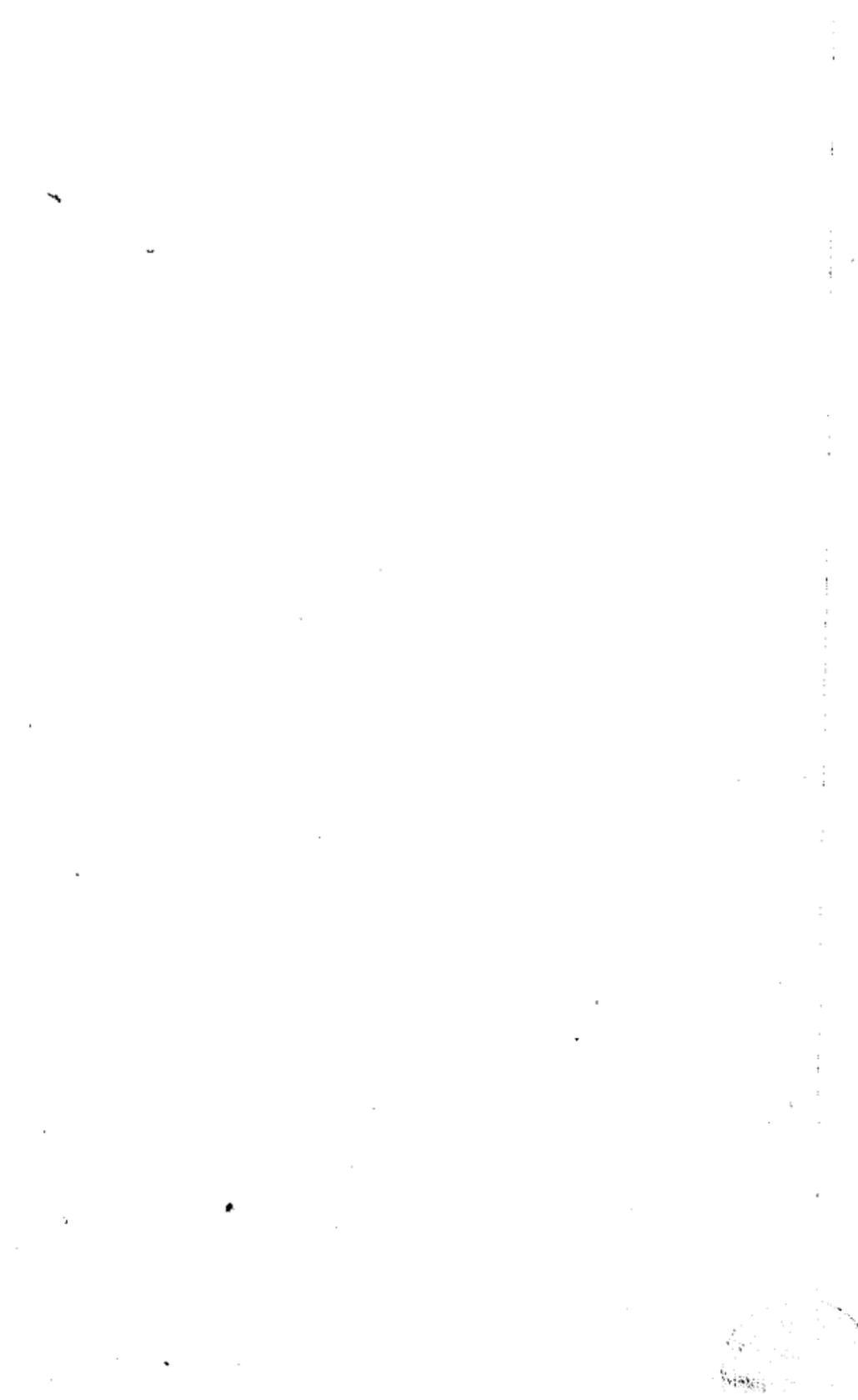
Generosidade. Historia Moral, dividida em
duas partes, com duas estampas, em 8.
br. 360

Vida do Grande Filosofo Abeilard, e de sua
Esposa Heloiza, em 8. 1818. br. 200

O Velho, e a Menina, ou o Casamento
desigual. Novella Hespanhola do insi-
gne Miguel Cervantes de Saavedra, tra-
duzida em vulgar, em 8. 1818. br. 160

O Crime mais Horrroso, ou o Amigo
Traidor. Novella de Mr. le Sage, tra-
duzida do Francez, por A. J. B. Hum
Folheto ornado com huma Estampa,
em 8. 1819. br. 100





Biblioteca da Ajuda

O triunfo da probidade sobre a ambição

M. Le Sage

Mon. 74-I-16

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO PORTUGUÊS
DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 LISBOA

tel. - fax 351 21 363 85 92
www.ajuda.lib@ippar.pt
www.ippar.pt/sites_externos/bajuda

© IPPAR / Biblioteca da Ajuda

A publicação de qualquer imagem da documentação incluída neste suporte só deve ser efectuada mediante consulta e autorização prévia.



Acrobat 4.0 é um suporte lógico de *Adobe Systems Incorporated*